

**A EXPERIÊNCIA SUBJETIVA DO ADOECIMENTO ONCOLÓGICO NA
ADOLESCÊNCIA: VIVÊNCIAS EMOCIONAIS, REPERCUSSÕES SOCIAIS E
ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO**

**THE SUBJECTIVE EXPERIENCE OF CANCER IN ADOLESCENCE: EMOTIONAL
EXPERIENCES, SOCIAL REPERCUSSIONS, AND COPING STRATEGIES**

**LA EXPERIENCIA SUBJETIVA DEL CÁNCER EN LA ADOLESCENCIA:
VIVENCIAS EMOCIONALES, REPERCUSIONES SOCIALES Y ESTRATEGIAS DE
AFRONTAMIENTO**

DOI: 10.54899/dcs.v23i95.6859

Submitted: 7/31/2026

Approved: 8/25/2026

Published on: 9/1/2026

Carla do Nascimento Gonçalves

Graduanda em Psicologia

Instituição: Centro Universitário Ceuni (FAMETRO)

Rebeca Alves Batista

Graduanda em Psicologia

Instituição: Centro Universitário Ceuni (FAMETRO)

Marcos Vinícius Santos Batista Silva

Mestre em Psicologia

Instituição: Centro Universitário Ceuni (FAMETRO)

RESUMO

O adoecimento oncológico na adolescência constitui uma experiência complexa que afeta dimensões físicas, emocionais, sociais e subjetivas. Esta pesquisa teve como objetivo analisar os impactos psicossociais do câncer na adolescência e compreender as estratégias de enfrentamento mobilizadas durante o tratamento. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da análise de produções científicas disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e no Portal de Periódicos da CAPES, sendo considerados materiais publicados nos últimos dez anos. Os estudos analisados evidenciaram vivências emocionais marcadas por medo, tristeza, ansiedade, insegurança e sofrimento, além de repercussões sociais relacionadas ao afastamento escolar, isolamento, alterações na autoimagem e mudanças na dinâmica familiar. Também foram identificadas estratégias de enfrentamento, como apoio familiar, acompanhamento psicológico, espiritualidade, música, escrita e assistência multiprofissional humanizada. Conclui-se que o adoecimento oncológico é vivenciado de forma singular, exigindo cuidado integral,

acolhedor e humanizado, que considere as necessidades dos adolescentes e de suas famílias durante o processo de tratamento e suas diferentes necessidades emocionais, sociais, familiares e subjetivas específicas.

Palavras-chave: adolescentes; adoecimento; Câncer; estratégias de enfrentamento; vivências emocionais.

ABSTRACT

Developing cancer during adolescence is a complex experience that affects physical, emotional, social, and subjective dimensions. This study aimed to analyze the psychosocial impacts of cancer in adolescence and to understand the coping strategies employed during treatment. It is a qualitative literature review based on the analysis of scientific publications available in the Virtual Health Library (VHL) and the CAPES Journal Portal, covering materials published over the last ten years. The analyzed studies revealed emotional experiences characterized by fear, sadness, anxiety, insecurity, and suffering, as well as social repercussions such as absence from school, isolation, changes in self-image, and shifts in family dynamics. Coping strategies were also identified, including family support, psychological counseling, spirituality, music, writing, and humanized multidisciplinary care. The study concludes that the experience of cancer during adolescence is unique, requiring comprehensive, welcoming, and humanized care that addresses the specific emotional, social, familial, and subjective needs of adolescents and their families throughout the treatment process.

Keywords: adolescents; illness; Cancer; coping strategies; emotional experiences.

RESUMEN

Desarrollar cáncer durante la adolescencia es una experiencia compleja que afecta a las dimensiones física, emocional, social y subjetiva. Este estudio tuvo como objetivo analizar los impactos psicosociales del cáncer en la adolescencia y comprender las estrategias de afrontamiento empleadas durante el tratamiento. Se trata de una revisión bibliográfica cualitativa basada en el análisis de publicaciones científicas disponibles en la Biblioteca Virtual en Salud (BVS) y en el Portal de Revistas de la CAPES, abarcando materiales publicados en los últimos diez años. Los estudios analizados revelaron experiencias emocionales caracterizadas por miedo, tristeza, ansiedad, inseguridad y sufrimiento, así como repercusiones sociales tales como el ausentismo escolar, el aislamiento, cambios en la autoimagen y alteraciones en la dinámica familiar. Asimismo, se identificaron estrategias de afrontamiento que incluyen el apoyo familiar, el asesoramiento psicológico, la espiritualidad, la música, la escritura y la atención multidisciplinaria humanizada. El estudio concluye que la experiencia del cáncer durante la adolescencia es única y requiere una atención integral, acogedora y humanizada que aborde las necesidades específicas —emocionales, sociales, familiares y subjetivas— de los adolescentes y sus familias a lo largo del proceso de tratamiento.

Palabras clave: adolescentes; enfermedad; Câncer; estrategias de afrontamiento; experiencias emocionales.

1 INTRODUÇÃO

O câncer configura-se como uma das doenças de maior impacto na sociedade, afetando não apenas a dimensão física, mas também a saúde emocional, psicológica e social das pessoas diagnosticadas. Quando vivenciado na adolescência, esse processo torna-se ainda mais delicado, considerando que essa fase da vida é marcada por intensas transformações biopsicossociais, construção da identidade, fortalecimento dos vínculos sociais e desenvolvimento da autonomia. Dessa forma, o enfrentamento do diagnóstico e do tratamento oncológico pode gerar profundas mudanças na vida do adolescente, exigindo constantes processos de adaptação emocional e social (Dantas; Silva; Alves, 2024).

A incidência de patologias oncológicas na adolescência revela-se como uma experiência complexa, que ultrapassa o sofrimento físico e alcança dimensões emocionais, sociais e subjetivas. Além disso, por se tratar de uma fase em que o adolescente está construindo sua identidade e projetando perspectivas futuras, o diagnóstico de câncer pode provocar rupturas importantes nesse percurso. O adoecimento passa, então, a modificar a forma como o adolescente percebe a si mesmo, o outro e o mundo ao seu redor, interferindo diretamente em sua rotina, nos vínculos interpessoais e nas expectativas relacionadas ao futuro (Rossato; Fuente; Scorsolini-Comin, 2024).

De acordo com Santos (2024), o câncer constitui um relevante problema de saúde pública em nível global, com estimativa superior a 19 milhões de novos casos no ano de 2023. No Brasil, esse cenário também se mostra expressivo, com a previsão de mais de 130 mil novos casos, evidenciando a magnitude da doença no país. A autora destaca que, para além dos números, o processo de adoecimento é influenciado por determinantes políticos, sociais, econômicos e geográficos, que impactam diretamente o acesso e a continuidade do cuidado em saúde.

O atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS) é dividido em três níveis de atenção: de assistência, sendo eles a atenção primária, secundária e terciária, que aumentam de complexidade conforme a necessidade do paciente. Nesse contexto, o SUS, instituído pela Lei nº 8.080/1990, desempenha papel fundamental ao assegurar a Universalidade do acesso aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência, bem como a integralidade do cuidado à população brasileira (Brasil, 1990). Com o

objetivo de fortalecer a assistência oncológica no país, foi publicada, em 2013, a Portaria nº 874, que instituiu a Política Nacional para a Prevenção e Controle do Câncer na Rede de Atenção à Saúde das Pessoas com Doenças Crônicas. Conforme o Art. 2º da referida portaria (Brasil, 2013), essa política tem como objetivo reduzir a mortalidade e a incapacidade causadas pela doença, além de diminuir a incidência de alguns tipos de câncer e contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos usuários, por meio de ações de promoção da saúde, prevenção, detecção precoce, tratamento oportuno e cuidados paliativos.

O câncer na infância e adolescência constitui um evento que rompe com as expectativas socialmente construídas acerca do desenvolvimento humano. Uma vez que doenças crônicas são culturalmente mais associadas à fase adulta e, sobretudo, à velhice, sua ocorrência na fase juvenil subverte a lógica do “aproveitar a vida”, geralmente marcada pela ludicidade e pela ausência de grandes preocupações. Nesse sentido, essa ruptura não impacta apenas o indivíduo adoecido, mas mobiliza também sua rede de apoio e o imaginário social, que não associa essas etapas da vida à gravidade da doença (Rossato; Fuente; Scorsolini-Comin, 2024).

As experiências emocionais resultantes do diagnóstico e do tratamento oncológico tendem a ser marcadas por sentimentos flutuantes, como medo, insegurança, angústia, tristeza e incerteza diante do futuro, ao mesmo tempo em que podem despertar processos de esperança, fortalecimento emocional e ressignificação da própria trajetória de vida, evidenciando a complexidade das vivências subjetivas no contexto do adoecimento (Pereira *et al.*, 2023). A compreensão dessas vivências torna-se fundamental para a ampliação do cuidado em saúde, especialmente ao considerar o adolescente como sujeito ativo na construção de sentidos sobre o adoecimento e no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento (Freitas *et al.*, 2025).

Ultrapassando o campo emocional, o câncer na adolescência também desencadeia efeitos sociais de grande relevância. O distanciamento do colégio, a quebra da rotina, a nova percepção do corpo e possíveis limitações biológicas podem interferir no vínculo com os pares, na organização do lar e na presença em espaços públicos, uma vez que adolescentes em tratamento ou pós-tratamento oncológico enfrentam dificuldades de reinserção escolar, estigmatização e desafios nas relações sociais, o que evidencia impactos significativos na socialização e no retorno às atividades cotidianas (Ichikawa *et al.*, 2025).

Frente a essa realidade, os adolescentes acionam diferentes recursos de resiliência ao longo de todo o adoecimento. Essas táticas podem incluir o amparo dos familiares, a busca por grupos de apoio, a fé, a elaboração simbólica do sofrimento e outras estratégias de adaptação mental. O estudo desses meios possibilita compreender como esses jovens enfrentam os obstáculos impostos pela condição clínica e quais processos auxiliam em sua plena integração psicossocial.

O objetivo geral da pesquisa é analisar os impactos psicossociais do adoecimento oncológico na adolescência e estratégias de enfrentamento mobilizadas por adolescentes diagnosticados com câncer. Explorando as vivências emocionais emergentes diante do diagnóstico e do tratamento oncológico na adolescência, apresentando os significados atribuídos à experiência do câncer na trajetória desses adolescentes e investigar as estratégias de enfrentamento adotadas pelos adolescentes ao longo do processo de adoecimento.

O adoecimento oncológico em crianças e adolescentes está associado a impactos significativos na qualidade de vida, abrangendo dimensões emocionais, sociais e psicológicas, o que evidencia a complexidade das demandas enfrentadas por esse público (Pereira *et al.*, 2023). Dada a inegável relevância da temática e a premente necessidade de aprofundar a compreensão acerca das vivências de adolescentes em processo de adoecimento oncológico.

Nesse sentido, a realização de uma pesquisa de natureza bibliográfica mostra-se pertinente, uma vez que possibilita o levantamento, a análise e a sistematização de produções científicas já existentes sobre a temática. Por meio dessa abordagem, torna-se possível reunir diferentes perspectivas teóricas e resultados de estudos anteriores, contribuindo para uma compreensão mais ampla e crítica acerca dos impactos do câncer na adolescência, bem como das estratégias de enfrentamento mobilizadas por esses sujeitos.

Além disso, a adolescência constitui uma fase marcada por intensas transformações biopsicossociais, o que torna o enfrentamento do adoecimento ainda mais complexo. As estratégias de enfrentamento adotadas por adolescentes em tratamento oncológico envolvem recursos emocionais, sociais e, frequentemente, a religiosidade, evidenciando a importância do suporte psicológico no processo de adaptação à doença (Souza *et al.*, 2025). Dessa forma, a investigação, ainda que por meio de fontes secundárias, permite evidenciar como o diagnóstico e o tratamento oncológico interferem no desenvolvimento e nas relações sociais desses jovens.

A presente pesquisa justifica-se em três dimensões complementares. No âmbito pessoal, o interesse pela temática emerge da sensibilidade frente às vivências de adolescentes em situação de adoecimento oncológico, buscando compreender de forma mais aprofundada os impactos emocionais, sociais e psicológicos que atravessam esse processo. No campo acadêmico, o estudo contribui para a ampliação do conhecimento na área da Psicologia e da Saúde Coletiva, ao reunir, analisar e sistematizar produções científicas sobre os impactos psicossociais do câncer na adolescência e as estratégias de enfrentamento mobilizadas por esses sujeitos, favorecendo o desenvolvimento de uma base teórica consistente para futuras investigações. Já na dimensão social, a pesquisa mostra-se relevante ao dar visibilidade às demandas específicas desse público, contribuindo para o fortalecimento de práticas profissionais humanizadas e para a formulação de intervenções que promovam o cuidado integral, a inclusão e a melhoria da qualidade de vida de adolescentes em tratamento oncológico.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O adoecimento oncológico na adolescência envolve experiências que vão além das alterações físicas provocadas pela doença, impactando emoções, relações sociais e a forma como o adolescente percebe a si mesmo e o mundo ao seu redor (Rossato; Fuente; Scorsolini-Comin, 2024). Nesse sentido, torna-se importante compreender os impactos psicossociais do câncer nessa fase da vida, bem como as estratégias de enfrentamento mobilizadas pelos adolescentes durante o tratamento, reforçando a importância de um cuidado integral e humanizado.

3 O Câncer na Adolescência: Uma Experiência Subjetiva

O câncer é uma doença caracterizada pelo crescimento desordenado de células, capazes de invadir tecidos, órgãos e outras regiões do corpo, favorecendo a formação de tumores. Seu desenvolvimento está relacionado tanto a fatores internos, como alterações genéticas, quanto a fatores externos, incluindo hábitos de vida, aspectos ambientais e contextos sociais e culturais. Essas alterações celulares podem ocorrer de forma gradual, ao longo de diferentes estágios e períodos da vida, demandando, muitas vezes, tratamentos prolongados e invasivos (Silva, 2021). Além

de seus impactos clínicos, o câncer configura-se como um importante problema de saúde pública devido à sua elevada incidência, morbidade e mortalidade (Martins *et al.*, 2026).

De acordo com o Instituto Nacional de Câncer (INCA) (2026), para o triênio de 2026 a 2028, são estimados cerca de 781 mil novos casos de câncer por ano no Brasil, demonstrando um aumento expressivo em relação às estimativas anteriores. Esse crescimento está associado, sobretudo, ao envelhecimento populacional, à transição demográfica e epidemiológica e à maior exposição a fatores de risco. Nesse cenário, o câncer vem se consolidando como uma das principais causas de morbimortalidade no país, aproximando-se das doenças cardiovasculares.

Além disso, as desigualdades regionais e socioeconômicas influenciam diretamente o acesso ao diagnóstico precoce e ao tratamento, repercutindo nas possibilidades de cuidado, na qualidade de vida e na forma como os indivíduos vivenciam o adoecimento oncológico (Martins *et al.*, 2026). Dessa forma, o câncer ultrapassa sua dimensão biológica, configurando-se como um fenômeno multifatorial, atravessado por determinantes sociais, econômicos e estruturais que influenciam diretamente a experiência do adoecimento (Freitas *et al.*, 2025).

No que se refere ao público juvenil, embora represente uma menor proporção dos casos totais, o câncer está entre as principais causas de morte por doença entre crianças e adolescentes, com aproximadamente 400 mil novos casos diagnosticados anualmente em todo o mundo (OMS, 2021). Entre os tipos mais frequentes nessa população, destacam-se as leucemias, os tumores do sistema nervoso central e os linfomas, os quais demandam tratamentos complexos e prolongados (Pereira *et al.*, 2023).

Quando vivenciado na adolescência, o adoecimento oncológico assume especificidades importantes, uma vez que incide sobre uma fase marcada por intensas transformações biopsicossociais (Toffoli; Cecconello, 2024). A adolescência corresponde a um período de construção identitária, desenvolvimento da autonomia e consolidação de vínculos sociais, tornando o enfrentamento de uma doença crônica ainda mais desafiador (Rossato; Fuente; Scorsolini-Comin, 2024).

Nesse contexto, o câncer na adolescência impacta significativamente a qualidade de vida, afetando dimensões físicas, emocionais e sociais. Tal condição exige do adolescente um processo contínuo de adaptação às mudanças impostas pela doença e pelo tratamento (Gomes; Nascimento; Garcia, 2025). Além disso,

experiências relacionadas ao tratamento oncológico, como hospitalizações e intervenções médicas, contribuem para a desestruturação da rotina e para a vivência de sentimentos de vulnerabilidade (Simionatto *et al.*, 2022). Assim, o adoecimento ultrapassa o âmbito clínico, configurando-se como uma experiência complexa e multifacetada.

Sob essa perspectiva, Freitas *et al.*, (2025) ressaltam que o câncer na adolescência implica uma reconstrução de sentidos, uma vez que o indivíduo necessita ressignificar sua trajetória diante das limitações impostas pela doença. Portanto, compreender o câncer nessa fase exige uma abordagem ampliada, capaz de considerar a interação entre aspectos biológicos, psicológicos e sociais.

4 VIVÊNCIAS EMOCIONAIS E REPERCUSSÕES SOCIAIS NO PROCESSO DE ADOECIMENTO

As vivências emocionais e as repercussões sociais no processo de adoecimento oncológico na adolescência configuram-se como experiências complexas e multifatoriais, influenciadas tanto pelas características individuais quanto pelas condições do tratamento e pelo contexto social em que o adolescente está inserido (Mazuze *et al.*, 2024).

O diagnóstico do câncer costuma desencadear sentimentos como medo, angústia, tristeza e incerteza em relação ao futuro. Essas reações estão associadas às representações sociais da doença, frequentemente vinculadas à dor e à morte, o que potencializa o sofrimento psíquico (Oliveira, 2021). Além disso, ao longo do tratamento, podem surgir manifestações de ansiedade, irritabilidade e sensação de perda de controle sobre a própria vida (Toffoli; Cecconello, 2024).

As exigências do tratamento oncológico, como hospitalizações frequentes e procedimentos invasivos, também contribuem para o desgaste emocional do adolescente. Segundo Simionatto *et al.*, (2022), tais experiências podem favorecer sentimentos de isolamento, vulnerabilidade e fragilidade emocional. Entretanto, apesar das dificuldades vivenciadas, o adoecimento pode mobilizar processos de ressignificação. Freitas *et al.*, (2025) destacam que muitos adolescentes passam a atribuir novos sentidos à vida, desenvolvendo maior maturidade emocional e valorização das relações interpessoais.

Nessa perspectiva, Santos, (2021) afirma que o enfrentamento do câncer envolve não apenas sofrimento, mas também possibilidades de crescimento psicológico. Dessa forma, as vivências emocionais relacionadas ao adoecimento devem ser compreendidas em sua complexidade, considerando a coexistência entre sofrimento, adaptação e transformação subjetiva.

Para além da dimensão emocional, o câncer na adolescência também provoca importantes repercussões sociais, interferindo diretamente na rotina e nas relações interpessoais. O afastamento escolar constitui uma das principais consequências do tratamento, comprometendo tanto o desenvolvimento acadêmico quanto o convívio social com amigos e colegas (Pereira *et al.*, 2023).

De acordo com Gomes, Nascimento e Garcia, (2025), a interrupção das atividades cotidianas pode gerar sentimentos de exclusão e dificultar a manutenção dos vínculos sociais. Além disso, essas repercussões relacionam-se às condições estruturais de acesso à saúde e à educação, evidenciando desigualdades que atravessam a experiência do adoecimento.

As alterações na aparência física decorrentes do tratamento também influenciam diretamente a autoimagem e a autoestima dos adolescentes. Simionatto *et al.*, (2022) ressaltam que essas mudanças podem impactar negativamente as interações sociais, especialmente em uma fase marcada pela busca de aceitação, pertencimento e construção identitária.

No âmbito familiar, o adoecimento oncológico provoca reconfigurações nas dinâmicas relacionais. Nas palavras de Radmann e Martins, (2024) o câncer mobiliza emocionalmente toda a família, exigindo reorganizações nos papéis familiares e intensificando o suporte oferecido ao adolescente. Além disso, o processo de tratamento pode repercutir na saúde mental e na qualidade de vida dos pais e cuidadores, favorecendo a vivência de sentimentos como ansiedade, estresse e sobrecarga emocional diante das demandas impostas pelo adoecimento (Belleboni; Brust-Renck, 2023).

Assim, as vivências emocionais e as repercussões sociais do câncer na adolescência evidenciam que o adoecimento ultrapassa a dimensão biológica, afetando diferentes aspectos da vida do adolescente e de sua rede de apoio. Desse modo, torna-se fundamental compreender esse processo de forma ampliada, considerando as interações entre fatores emocionais, familiares, sociais e contextuais envolvidos no enfrentamento da doença (Rossato; Fuente; Scorsolini-Comin, 2024).

5 ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Diante das adversidades impostas pelo câncer, os adolescentes mobilizam diferentes estratégias de enfrentamento, fundamentais para a adaptação ao adoecimento (Camêlo; Sousa, 2025). Nesse contexto, o SUS possui papel fundamental na organização e ampliação da rede de atenção oncológica, garantindo acesso ao diagnóstico, tratamento e acompanhamento integral dessas pessoas, além da articulação entre diferentes serviços e estratégias de cuidado (Silva; Osorio-de-Castro, 2022).

O modelo organizacional do SUS é estruturado em uma rede hierarquizada de três níveis de complexidade: primário, secundário e terciário. Como eixo central e porta de entrada preferencial, a Atenção Primária à Saúde (APS) que atua na base do sistema através das Unidades Básicas de Saúde (UBS), focando na prevenção de agravos, promoção do bem-estar e acompanhamento longitudinal dos pacientes. Caso a demanda exija suporte especializado de média complexidade, o fluxo de cuidado direciona o usuário para a Atenção Secundária, que abrange ambulatorios de especialidades, exames complementares e Unidades de Pronto Atendimento (UPAs). Por fim, as condições que demandam alta tecnologia e suporte crítico como intervenções cirúrgicas de grande porte, terapias oncológicas e suporte em UTIs são absorvidas pela Atenção Terciária, centralizada em complexos hospitalares. Essa articulação interconectada viabiliza a linha de cuidado e assegura o princípio constitucional da integralidade (Brasil, 2022). Dito isto, o cuidado às condições decorrentes do diagnóstico no âmbito do SUS demanda uma rede de atenção integrada e centrada no usuário, fundamentada em uma atenção de alta complexidade à saúde fortalecida e articulada aos serviços especializados ambulatoriais e hospitalares, assegurando assistência qualificada aos adolescentes e sua rede apoio (Zanatta *et al.*, 2021). Além disso, a Lei nº 12.732/2012 garante aos usuários com neoplasia maligna o direito ao acesso gratuito ao tratamento pelo SUS em até 60 dias após a confirmação diagnóstica, buscando promover maior agilidade e integralidade no cuidado oncológico (Brasil, 2012).

Nesse cenário, a atuação de equipes multiprofissionais possibilita intervenções mais abrangentes, atendendo às diversas demandas dos adolescentes em tratamento por meio da integração entre profissionais como médicos, enfermeiros,

assistentes sociais, nutricionista, fisioterapeutas e psicólogos (Farias; Martins; Couto, 2024).

Dentre esses profissionais, destaca-se o papel do profissional da psicologia, cuja atuação durante o tratamento contribui para a compreensão da doença pelo indivíduo diagnosticado com câncer e sua família, favorecendo a adesão terapêutica e auxiliando no enfrentamento das dificuldades relacionadas ao adoecimento (Silva; Cunha, 2022). O suporte psicológico desempenha papel fundamental na elaboração das vivências emocionais, não apenas para a pessoa em tratamento oncológico, mas também para sua rede de apoio, desenvolvendo estratégias de apoio emocional desde o momento da confirmação diagnóstica e ao longo do tratamento (Alves; Mesquita, 2024). Além disso, a escuta qualificada e o reconhecimento do adolescente como sujeito ativo favorecem sua autonomia no processo terapêutico, promovendo acolhimento humanizado e possibilitando novos significados para sua trajetória de adoecimento (Justino; Kailer, 2021).

O processo de cuidado ao adolescente em tratamento oncológico exige intensa participação da família, que precisa adaptar sua rotina, adquirir conhecimentos relacionados à doença e ao tratamento e desenvolver habilidades para garantir a continuidade do cuidado e a segurança do indivíduo acometido pelo câncer no ambiente domiciliar (Kuntz *et al.*, 2021). Nesse contexto, o suporte familiar destaca-se como um dos principais fatores de proteção, contribuindo para a redução do sofrimento psicológico e para a adaptação ao tratamento (Junior *et al.*, 2022). Radmann e Martins, (2024) ressaltam a importância da inclusão da família no cuidado, evidenciando que o cuidado integral se articula às diretrizes das políticas públicas de saúde, as quais reconhecem a necessidade de uma abordagem centrada no sujeito e em suas múltiplas dimensões. Dessa forma, práticas humanizadas contribuem para a promoção da qualidade de vida e do bem-estar psicológico dos adolescentes.

Além do suporte familiar e profissional, a espiritualidade e a religiosidade também se apresentam como importantes recursos de enfrentamento. Para Camêlo e Sousa, (2025) esses elementos contribuem para a construção de sentido diante do adoecimento, promovendo conforto emocional, esperança e fortalecimento da resiliência. De modo complementar, Teixeira *et al.*, (2025) evidenciam que a fé e a conexão espiritual auxiliam no enfrentamento das dificuldades relacionadas ao diagnóstico, favorecendo a percepção de bem-estar, apoio emocional e adaptação ao

processo de tratamento, especialmente em situações marcadas pelo sofrimento e pela incerteza.

As estratégias de enfrentamento social também possuem grande relevância no contexto do câncer na adolescência, estando relacionadas ao fortalecimento dos vínculos interpessoais e à manutenção da participação social do adolescente, mesmo diante das limitações impostas pelo tratamento. O apoio de amigos, familiares e rede de apoio contribui para a redução do sentimento de isolamento, favorecendo o acolhimento emocional e a adaptação ao processo de adoecimento (Soares *et al.*, 2022). Além disso, as redes de suporte social são importantes estratégias de enfrentamento, fortalecidas pelas relações estabelecidas entre familiares, profissionais de saúde e pessoas que vivenciam situações semelhantes (Lima *et al.*, 2022).

Participação em atividades recreativas, escolares e de lazer possibilita momentos de socialização, distração e preservação da identidade do adolescente para além da doença. O convívio com outros adolescentes em tratamento pode favorecer a troca de experiências, o compartilhamento de sentimentos e o desenvolvimento de estratégias coletivas de enfrentamento (Borges-de-Mello-dos-Santos; Donato-Oliva, 2021). Nesse sentido, o suporte social mostra-se fundamental para a promoção do bem-estar emocional, da autoestima e da qualidade de vida dos adolescentes em tratamento oncológico, auxiliando no enfrentamento das repercussões emocionais e sociais decorrentes do adoecimento (Boschetti *et al.*, 2025).

Dessa maneira, a complexidade do adoecimento oncológico na adolescência evidencia a necessidade de uma abordagem que ultrapasse o modelo biomédico tradicional. O cuidado integral propõe a consideração das dimensões físicas, emocionais e sociais do indivíduo. Assim, o enfrentamento do câncer na adolescência não se limita a respostas individuais, mas envolve processos construídos na interação com o contexto social, familiar e cultural (Toffoli; Cecconello, 2024).

6 METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, com abordagem qualitativa, que teve como objetivo compreender o impacto psicossocial do

adoecimento oncológico na adolescência, considerando suas dimensões emocionais, sociais e as estratégias de enfrentamento utilizadas nesse processo. Esse tipo de pesquisa fundamentou-se no levantamento e na análise de produções já publicadas, como livros e artigos científicos, sendo essencial para a construção e ampliação do conhecimento acerca da temática.

Na pesquisa bibliográfica, a leitura configurou-se como principal técnica de investigação, pois possibilitou identificar, analisar e relacionar as informações presentes nos materiais selecionados (Braucks *et al.*, 2025). A abordagem qualitativa, por sua vez, orientou-se pela análise de sentidos, significados e experiências presentes nas produções científicas, permitindo a compreensão e interpretação dos fenômenos a partir das perspectivas construídas nos estudos, especialmente no campo da saúde (Campos; Saidel, 2022).

A coleta de dados foi realizada por meio do levantamento de produções científicas disponíveis em bases de dados eletrônicas, como a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e o Portal de Periódicos da CAPES, incluindo artigos que abordaram o câncer na adolescência e a saúde mental decorrente do adoecimento. Foram considerados materiais publicados em língua portuguesa e atualizados nos últimos dez anos sobre a temática.

Para a análise dos dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, a qual possibilitou a organização, interpretação e compreensão dos significados presentes nas produções analisadas, por meio de um processo sistemático de categorização e inferência (Bardin, 2016).

Além disso, a análise de conteúdo permitiu identificar significados implícitos nas produções científicas, possibilitando interpretações que ultrapassaram o conteúdo explícito, fundamentadas em rigor metodológico e científico (Shiota; Dorsa, 2021).

Dessa forma, a pesquisa buscou proporcionar uma compreensão ampliada do adoecimento oncológico na adolescência, considerando não apenas seus aspectos clínicos, mas também suas repercussões psicossociais.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos estudos selecionados permitiu compreender que o adoecimento oncológico na adolescência ultrapassa os limites físicos da doença, afetando profundamente os aspectos emocionais, sociais e familiares dos

adolescentes. Os artigos evidenciaram que receber o diagnóstico de câncer representa uma experiência marcada por medo, insegurança, sofrimento e inúmeras mudanças na vida cotidiana, exigindo do adolescente e de sua família um constante processo de adaptação.

Quadro 1 - Artigos de Fundamentação

Autores / Ano	Título	Resumo
Bulla <i>et al.</i> , 2015.	O mundo do adolescente após a revelação do diagnóstico de câncer.	O artigo evidenciou que o câncer e seu tratamento geram importantes mudanças na vida dos adolescentes, ressaltando o papel fundamental da rede de apoio e da assistência humanizada no enfrentamento da doença.
Rezende, 2015.	Câncer infantojuvenil: aspectos psicossociais	O estudo evidenciou que o câncer infantojuvenil gera impactos psicossociais significativos para jovens diagnosticados com câncer e cuidadores, destacando dificuldades no diagnóstico, repercussões emocionais e a importância do brinquedo terapêutico como estratégia de cuidado humanizado.
Siqueira <i>et al.</i> , 2015.	Percepção de Adolescentes com Câncer: Pesquisa Fenomenológica	O estudo revelou que adolescentes com câncer vivenciam a dor de forma multidimensional, associando-a a fatores emocionais, experiências de hospitalização e impactos no cotidiano, destacando a necessidade de um cuidado integral e individualizado para o alívio do sofrimento.
Souza <i>et al.</i> , 2016.	Adolescer e adoecer na perspectiva de jovem e família.	Análise da vivência simultânea da adolescência e do adoecimento crônico por doença renal e câncer, evidenciando impactos físicos, emocionais e sociais, além de diferentes estratégias de enfrentamento, ressaltando a importância de um cuidado integral voltado às necessidades do adolescente.
Fonseca; Zagonel; Cordeiro, 2017.	Leucemia e sintomas de depressão vivenciadas pelo adolescente: Uma reflexão da transição ao reposicionamento.	O artigo reflete sobre os impactos da leucemia e dos sintomas depressivos na adolescência, destacando a importância da psicoterapia e do cuidado transicional para fortalecer a resiliência, favorecer a adaptação à doença e melhorar a qualidade de vida.
Guimarães <i>et al.</i> , 2020.	Percepções do adolescente com câncer em cuidados paliativos quanto ao seu processo de adoecimento.	O estudo evidenciou que adolescentes com câncer em cuidados paliativos enfrentam sofrimento emocional, isolamento social e mudanças na rotina, utilizando estratégias de superação e demandando um cuidado de enfermagem humanizado e individualizado.
Barbosa, <i>et al.</i> , 2022.	Hospitalização e música: significados dos familiares de crianças e adolescentes com câncer.	A pesquisa evidenciou que a hospitalização é marcada por diferentes sentimentos, enquanto a música foi reconhecida como uma estratégia de promoção da saúde, proporcionando bem-estar, esperança e melhor qualidade de vida, na percepção de adolescentes diagnosticados com câncer.

Autores / Ano	Título	Resumo
Rossato, 2022.	Religiosidade/espiritualidade no câncer infantojuvenil: implicações psicossociais para crianças/adolescentes adoecidos, familiares/cuidadores e equipe de saúde.	O estudo analisou a religiosidade/espiritualidade como estratégia de enfrentamento do câncer infantojuvenil, evidenciando seu papel no apoio emocional, na promoção da esperança e no enfrentamento das dificuldades da doença.
Santana <i>et al.</i> , 2022.	Repercussão do diagnóstico de leucemia ao paciente infantojuvenil e seu familiar: revisão integrativa.	A revisão integrativa identificou que o diagnóstico de leucemia provoca impactos físicos e emocionais em crianças e familiares, como dor, fadiga, ansiedade e depressão, destacando a importância de intervenções multidisciplinar individualizadas e de uma comunicação eficaz para fortalecer o vínculo e qualificar o cuidado.
Souza <i>et al.</i> , 2023.	O desbravar de novos caminhos: itinerário terapêutico de famílias de crianças e adolescentes com câncer.	Itinerário terapêutico, desde o diagnóstico até o tratamento do câncer, é marcado por sofrimento, sentimentos ambíguos e diferentes estratégias de enfrentamento, ressaltando a necessidade de ações que promovam o diagnóstico precoce e aprimorem a qualidade do cuidado em saúde.
Bezerra; Barsaglini, 2024.	Possibilidades e expressões de cuidado em textos póstumos de jovens com câncer: legado e errâncias da escrita.	O artigo analisa escritos de jovens com câncer, relatando através da escrita suas vivências emocionais, estratégias de enfrentamento e subjetividade do adolescente diante do câncer.
Siqueira <i>et al.</i> , 2024.	Situações de vulnerabilidade de adolescentes e jovens do contexto rural em tratamento oncológico.	Pesquisa realizada com adolescentes do meio rural em tratamento oncológico, identificou vulnerabilidades relacionadas ao impacto emocional, isolamento social, efeitos da quimioterapia e dificuldades de acesso ao tratamento, evidenciando desafios de saúde, sociais e emocionais.
Teixeira <i>et al.</i> , 2025.	A espiritualidade no processo de saúde-doença em uma população ambulatorial – Um estudo transversal descritivo	O estudo analisou a relação entre espiritualidade e saúde em pessoas diagnosticadas com câncer atendidos em um centro de atenção especializada. Por meio de uma pesquisa quantitativa, observou-se que a maioria acredita que a espiritualidade ajuda no enfrentamento de momentos difíceis.

Fonte: Os autores (2026)

Entre os sentimentos mais frequentes identificados nos estudos estão a tristeza, ansiedade, angústia, medo da morte e sintomas depressivos. Ao enfrentar o diagnóstico de câncer e todo o processo terapêutico, vivência intensas mudanças emocionais, principalmente por se perceber distante da rotina considerada “normal” para sua idade. Nesse contexto, os autores destacam a importância da psicoterapia e do apoio emocional como formas de fortalecer a resiliência e auxiliar no enfrentamento da doença (Fonseca; Zagonel; Cordeiro, 2017).

Os estudos também mostraram que o câncer interfere diretamente na forma como o adolescente se relaciona consigo mesmo, com os outros e com o ambiente ao seu redor. Evidenciado por Bulla *et al.*, (2015), após a descoberta do diagnóstico, muitos adolescentes passaram a enfrentar mudanças bruscas na rotina, afastamento escolar, limitações físicas e dificuldades relacionadas à autoimagem. As alterações corporais decorrentes do tratamento, como a queda de cabelo e as mudanças no corpo, repercutem negativamente na autoestima e podem favorecer sentimentos de vergonha, isolamento e insegurança.

Adolescentes em cuidados paliativos convivem com sofrimento emocional intenso, associado não apenas às dores físicas, mas também às perdas sociais provocadas pelo adoecimento. O isolamento, a interrupção das atividades diárias e o distanciamento de amigos e familiares tornam o processo ainda mais doloroso, evidenciando a necessidade de um cuidado sensível, individualizado e humanizado (Guimarães *et al.*, 2020). De forma semelhante, Siqueira *et al.*, (2015) identificaram que adolescentes com câncer vivenciam a dor de maneira multidimensional, relacionando-a não apenas aos sintomas físicos, mas também às experiências emocionais decorrentes da hospitalização e às limitações impostas à rotina. Os autores ressaltam a importância de um cuidado integral e individualizado, capaz de atender às diferentes necessidades apresentadas durante o processo de adoecimento.

Além das repercussões emocionais, os estudos revelaram importantes impactos sociais decorrentes do câncer na adolescência. Os estudos de Siqueira *et al.*, (2024) destacam que adolescentes do contexto rural enfrentam situações ainda mais complexas, relacionadas às dificuldades de acesso ao tratamento, longos deslocamentos e afastamento do convívio social. Essas vulnerabilidades contribuem para o aumento do sofrimento emocional e reforçam as desigualdades presentes no processo de cuidado em saúde.

Outro aspecto bastante presente nos estudos foi a relevância das estratégias de enfrentamento utilizadas pelos adolescentes e familiares durante o tratamento oncológico. A espiritualidade e a religiosidade apareceram como importantes fontes de esperança, conforto e fortalecimento emocional. Sob a ótica de Rossato, (2022) a espiritualidade auxilia crianças, adolescentes e familiares a enfrentarem as dificuldades impostas pela doença, proporcionando sentimentos de acolhimento e esperança diante do sofrimento. Nessa perspectiva, Teixeira *et al.*,

(2025) observaram que muitos participantes acreditam que a espiritualidade contribui positivamente para lidar com momentos difíceis relacionados ao processo de tratamento.

Além da espiritualidade, outras formas de cuidado também foram identificadas como importantes no enfrentamento do câncer. De acordo com Barbosa *et al.*, (2022) a música como estratégia capaz de proporcionar bem-estar, conforto emocional e melhora na qualidade de vida durante a hospitalização. Os autores evidenciam que atividades humanizadas ajudam os adolescentes a vivenciarem o tratamento de forma menos dolorosa, favorecendo sentimentos de esperança e acolhimento. A escrita apareceu como uma forma de externalizar emoções e ressignificar experiências vividas durante o tratamento, tornando-se um importante instrumento de cuidado emocional, permitindo aos jovens expressarem medos, angústias, desejos e sentimentos relacionados ao adoecimento (Bezerra; Barsaglini, 2024).

Os estudos também reforçaram a importância da rede de apoio familiar e da assistência multiprofissional no enfrentamento do câncer. Segundo Rezende, (2015) o adoecimento oncológico repercute não apenas na vida do adolescente, mas também na dinâmica emocional e social da família, exigindo acolhimento e suporte contínuo aos cuidadores. Da mesma forma, Santana *et al.*, (2022) ressaltam que uma comunicação clara, empática e humanizada entre profissionais de saúde, adolescentes e familiares fortalece vínculos, reduz inseguranças e contribui para um cuidado mais integral.

Nessa mesma perspectiva, Souza *et al.*, (2023) evidenciam que o itinerário terapêutico de famílias de crianças e adolescentes com câncer é marcado por desafios, sofrimento e sentimentos ambíguos desde o diagnóstico até o tratamento. Os autores destacam que a busca por cuidado envolve diferentes estratégias de enfrentamento e reforçam a necessidade de ações que favoreçam o diagnóstico precoce e a qualificação da assistência em saúde, contribuindo para um cuidado mais resolutivo e humanizado.

Nesse sentido, Souza *et al.*, (2016) evidenciam que viver simultaneamente a adolescência e o adoecimento exige adaptações constantes, tanto emocionais quanto sociais. O cuidado ao adolescente com câncer precisa ir além do tratamento clínico, contemplando também suas necessidades emocionais, familiares e sociais, de forma acolhedora e humanizada.

Dessa forma, os estudos analisados demonstram que o câncer na adolescência é vivenciado de maneira intensa e complexa, provocando repercussões emocionais e sociais profundas. Entretanto, também evidenciam que estratégias de enfrentamento, apoio familiar, espiritualidade e assistência humanizada podem contribuir significativamente para tornar o processo de adoecimento menos doloroso e mais acolhedor para adolescentes e suas famílias.

8 CONCLUSÃO

A presente pesquisa permitiu compreender que o adoecimento oncológico na adolescência vai além dos aspectos biológicos da doença, envolvendo impactos emocionais, sociais e familiares que influenciam significativamente a vida dos adolescentes. Os estudos analisados demonstraram que o câncer pode provocar mudanças na rotina, na construção da identidade, nas relações interpessoais e na forma como o adolescente percebe a si mesmo e o futuro.

Observou-se que sentimentos como medo, tristeza, ansiedade e insegurança estão frequentemente presentes durante o processo de adoecimento e tratamento, evidenciando a necessidade de um cuidado que contemple não apenas as demandas físicas, mas também as emocionais. Além disso, aspectos como o afastamento escolar, as alterações na autoimagem e o isolamento social podem tornar essa experiência ainda mais desafiadora.

Os resultados também evidenciaram a importância das estratégias de enfrentamento utilizadas pelos adolescentes e suas famílias, destacando-se o apoio familiar, a espiritualidade, o acompanhamento psicológico e outras práticas de cuidado que favorecem o fortalecimento emocional e a adaptação ao tratamento.

Dessa forma, conclui-se que o câncer na adolescência é vivenciado de maneira singular e profundamente sensível, exigindo um olhar ampliado e humanizado por parte dos profissionais de saúde, familiares e sociedade. Mais do que tratar a doença, torna-se necessário acolher o sofrimento, reconhecer as subjetividades e promover espaços de escuta, apoio e cuidado integral.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar as discussões acerca dos impactos psicossociais do adoecimento oncológico na adolescência, incentivando novas produções científicas e fortalecendo práticas de cuidado mais

empáticas, inclusivas e humanizadas voltadas aos adolescentes em tratamento oncológico e sua experiência subjetiva.

AGRADECIMENTOS

Direcionamos nossos sinceros agradecimentos, primeiramente, a Deus, que nos concedeu força, sabedoria e perseverança durante nossa trajetória acadêmica e ao longo da realização deste trabalho.

Aos nossos familiares, pelo amor, apoio, compreensão e incentivo em todas as circunstâncias, sobretudo nos momentos de desafios e dificuldades. A participação e a assistência de vocês foram essenciais para o sucesso desta jornada.

Ao nosso orientador, Marcos Vinicius Santos Batista Silva, agradecemos imensamente pela dedicação, disponibilidade e pelas valorosas contribuições, seu conhecimento e suporte técnico foram fundamentais para construção e o desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores que participaram da nossa trajetória universitária, por nos guiar no caminho do saber, pelas experiências proporcionadas e por fundamentarem a nossa formação ética e profissional na psicologia.

Aos nossos amigos e a todos aqueles que, de alguma maneira, estiveram presentes ao decorrer dessa caminhada, oferecendo apoio, motivação e palavras de encorajamento.

Por fim, manifestamos nossa gratidão uma à outra pela parceria, dedicação e por termos compartilhado juntas as dificuldades, lições e êxitos que fizeram parte da construção deste trabalho. Este Trabalho representa não apenas a conclusão de uma etapa acadêmica, mas também o resultado de uma caminhada pautada por evolução, resiliência e amadurecimento. A todos que contribuíram para que este momento fosse possível, o nosso sincero agradecimento.

REFERÊNCIAS

- ALVES, T. C. R.; MESQUITA, L. M. Intervenção psicológica em cuidados paliativos no câncer infantil. **Revista Foco**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. e4466, 2024. DOI: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v17n3-045>. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/4466>. Acesso em: 8 abr. 2026.
- BARBOSA, S. S. P.; SOUZA, J. B. de; KONRAD, A. Z.; HEIDEMANN, I. T. S. B.; BRUM, C. N. de; MARTINS, E. L. Hospitalização e música: significados dos familiares de crianças e adolescentes com câncer. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 12, p. e4423, 2022. DOI: <https://doi.org/10.19175/recom.v12i0.4423>. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/recom/article/view/4423/2896>. Acesso em: 23 maio 2026.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BELLEBONI, P.; BRUST-RENCK, P. G. Saúde mental e qualidade de vida da família na luta contra o câncer infantojuvenil. **Quaderns de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. e1936, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1936>. Disponível em: <https://quadernsdepsicologia.cat/article/view/v25-n2-belleboni-goergen/1936-pdf-pt>. Acesso em: 21 maio 2026.
- BEZERRA, M. S. M.; BARSAGLINI, R. A. Possibilidades e expressões de cuidado em textos póstumos de jovens com câncer: legado e errâncias da escrita. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320242911.19242023>. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2025.v30suppl2/e19242023/pt>. Acesso em: 23 maio 2026.
- BORGES-DE-MELLO-DOS-SANTOS, D.; DONATO-OLIVA, A. Emoções positivas e resiliência na perspectiva de adolescentes com câncer. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 39–47, jun. 2021. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v17n1/v17n1a06.pdf>. Acesso em: 22 maio 2026.
- BOSCHETTI, L. F.; SUSIN, Â. C.; MARINI, F. M.; HERBER, S.; SOUZA, L. M. de; SOARES, L. J. da R. Câncer na infância e adolescência: compreendendo sentimentos e desafios. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro – RECOM**, [S. l.], v. 15, 2025. DOI: <https://doi.org/10.19175/recom.v15i0.5611>. Disponível em: <http://periodicos.ufsj.edu.br/recom/article/view/5611>. Acesso em: 17 maio 2026.
- BRASIL. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 20 set. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em: 21 maio 2026.
- BRAUCKS, J. B.; AZEVEDO, G. P.; NEUBAUER, V. S.; ECKERT, N. H. Pesquisa bibliográfica como metodologia de pesquisa científica. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 11, 2025. DOI: <https://doi.org/10.23899/g0q8kq90>. Disponível em:

<https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2637>. Acesso em: 30 mar. 2026.

BULLA, M. L.; MAIA, E. B. S.; RIBEIRO, C. A.; BORBA, R. I. H. de. O mundo do adolescente após a revelação do diagnóstico de câncer. **REME – Revista Mineira de Enfermagem**, [S. l.], v. 19, n. 3, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5935/1415-2762.20150052>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/remex/article/view/50083>. Acesso em: 23 maio 2026.

CAMÊLO, P. da S.; SOUSA, A. da S. Estratégias de enfrentamento de adolescentes com câncer. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 13, n. 2, p. 524–547, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/contextosclinicos/article/view/62612>. Acesso em: 8 abr. 2026.

CAMPOS, C. J. G.; SAIDEL, M. G. B. Amostragem em investigações qualitativas: conceitos e aplicações ao campo da saúde. **Revista Pesquisa Qualitativa**, [S. l.], v. 10, n. 25, p. 404–424, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2022.v.10.n.25.545>. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/545>. Acesso em: 23 mar. 2026.

DANTAS, J. V. de S.; SILVA, L. M. M. da; ALVES, I. D. O. L. O impacto do câncer em adolescentes: a atuação do enfermeiro no alívio da dor. **Revista Científica Mais Pontal**, v. 3, n. 1, p. 110–123, 2024. Disponível em: <https://revistas.facmais.edu.br/index.php/maispontal/article/view/207>. Acesso em: 9 abr. 2026.

FARIAS, A. X.; MARTINS, T. T. P.; COUTO, G. B. F. de. A importância da equipe multidisciplinar no tratamento do paciente oncológico. **Revista Extensão**, v. 8, n. 2, p. 7–14, 2024. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/extensao/article/view/9662/5525>. Acesso em: 14 maio 2026.

FONSECA, R. C. V. da; ZAGONEL, I. P. S.; CORDEIRO, M. L. Leucemia e sintomas de depressão vivenciados pelo adolescente: uma reflexão da transição ao reposicionamento. **Psicologia Argumento**, [S. l.], v. 28, n. 63, 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/20371>. Acesso em: 23 maio 2026.

FREITAS, F. M. M. de et al. Adolescentes e câncer: uma revisão de literatura baseada na fenomenologia hermenêutica. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, Belo Horizonte, v. 28, p. e023, 2025. DOI: <https://doi.org/10.57167/Rev-SBPH.2025.v28.677>. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/677>. Acesso em: 8 abr. 2026.

GOMES, I. V. R.; NASCIMENTO, L. G.; GARCIA, M. C. R. Avaliação dos impactos psicossociais das neoplasias em pacientes e suas famílias: uma revisão integrativa. **Revista Hórus**, [S. l.], v. 20, n. 1, 2025. Disponível em:

<https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/revistahorus/article/view/2881>. Acesso em: 8 abr. 2026.

GUIMARÃES, T. M.; PACHECO, S. T. de A.; NUNES, M. D. R.; SILVA, L. F. da. Percepções do adolescente com câncer em cuidados paliativos quanto ao seu processo de adoecimento. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 41, p. e20190223, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190223>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/jBGPQbjd8VRGX9BNYTbdfxp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 maio 2026.

ICHIKAWA, C. R. de F.; GESTEIRA, E. C. R.; BORGHI, C. A.; SZYLIT, R. O retorno escolar na perspectiva de adolescentes sobreviventes de câncer: uma análise qualitativa. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 27, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5216/ree.v27.77644>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/77644>. Acesso em: 25 mar. 2026.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER. **INCA estima 781 mil novos casos de câncer por ano no Brasil entre 2026 e 2028**. Rio de Janeiro: INCA, 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/noticias/2026/inca-estima-781-mil-novos-casos-de-cancer-por-ano-no-brasil-entre-2026-e-2028>. Acesso em: 7 abr. 2026.

JUNIOR, R. F. D. S. et al. A rede de apoio familiar no enfrentamento do câncer de mama pela mulher. **Estudos Avançados sobre Saúde e Natureza**, [S. l.], v. 10, 2022. DOI: <https://doi.org/10.51249/easn10.2022.999>. Disponível em: <https://periodicojs.com.br/index.php/easn/article/view/999>. Acesso em: 8 abr. 2026.

JUSTINO, A. B.; KAILER, E. Z. Narrativas de crianças e adolescentes com câncer: muitas experiências para contar e comunicar. **Hachetetepé: Revista Científica de Educación y Comunicación**, n. 22, p. 1–10, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25267/Hachetetepe.2021.i22.1201>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6837/683772031002/683772031002.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2026.

KUNTZ, S. R. et al. Primeira transição do cuidado hospitalar para domiciliar da criança com câncer: orientações da equipe multiprofissional. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. e20200239, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0239>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/Z4RhCYkM69Tbw7v7GwkbKwj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 maio 2026.

LIMA, C. A. R. de et al. Suporte social como estratégia de enfrentamento da família de crianças e adolescentes com câncer. **Saúde e Pesquisa**, v. 15, n. 4, p. e11083, 2022. DOI: <https://doi.org/10.17765/2176-9206.2022v15n4.e11083>. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/11083/7240>. Acesso em: 22 maio 2026.

MARTINS, L. F. L. et al. Perfil epidemiológico da incidência de câncer no Brasil e regiões: estimativas para o triênio 2026–2028. **Revista Brasileira de Cancerologia**, [S. l.], v. 72, n. 2, p. e025587, 2026. DOI: <https://doi.org/10.32635/2176->

9745.RBC.2026v72n2.5587. Disponível em:
<https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/5587>. Acesso em: 7 abr. 2026.

MAZUZE, B. S. D.; MAZUZE, A. J. C.; MANHIQUE, A. M. Z. N.; POLEJACK, L.; GUAMBE, T. M. Vivências psicológicas em doentes oncológicos e mecanismo de enfrentamento: estudo do caso na oncologia do Hospital Central de Maputo. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 13, p. e5889, 2024. DOI: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.2024.e5889>. Disponível em: <https://journals.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/5889>. Acesso em: 8 abr. 2026.

OLIVEIRA, L. S. de. Câncer infantil: o impacto do diagnóstico para a criança e familiares. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 7, n. 5, p. 635–644, 2021. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i5.1223>. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1223>. Acesso em: 8 abr. 2026.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Câncer de mama agora forma mais comum de câncer: OMS tomando medidas**. Genebra: OMS, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/pt/news/item/03-02-2021-breast-cancer-now-most-common-form-of-cancer-who-taking-action>. Acesso em: 7 abr. 2026.

PEREIRA, C. I. P. et al. Impactos psicossociais e na qualidade de vida do tratamento oncológico em crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Cancerologia**, [S. l.], v. 69, n. 3, p. e123888, 2023. DOI: <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2023v69n3.3888>. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/3888>. Acesso em: 8 abr. 2026.

RADMANN, R.; MARTINS, W. Impactos psicológicos e emocionais do cuidado familiar em pacientes oncológicos. **Periódicos Brasil: Pesquisa Científica**, Macapá, v. 3, n. 2, p. 2059–2070, 2024. DOI: <https://doi.org/10.36557/pbpc.v3i2.260>. Disponível em: <https://periodicosbrasil.emnuvens.com.br/revista/article/view/260>. Acesso em: 8 abr. 2026.

REZENDE, A. M. **Câncer infantojuvenil: aspectos psicossociais**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Centro de Pesquisas René Rachou, Fundação Oswaldo Cruz, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: https://www.cpqrr.fiocruz.br/texto-completo/T_101.pdf. Acesso em: 23 maio 2026.

ROSSATO, L. **Religiosidade/espiritualidade no câncer infantojuvenil: implicações psicossociais para crianças/adolescentes adoecidos, familiares/cuidadores e equipe de saúde**. 2022. 284 f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2022. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-08032023-163335/publico/Lucasrossato.pdf>. Acesso em: 23 maio 2026.

ROSSATO, L.; DE LA FUENTE, A. M. U.; SCORSOLINI-COMIN, F. Repercussões psicossociais do câncer na infância e na adolescência. **Mudanças: Psicologia da Saúde**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 55–62, 2024. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-0985/mu.v29n2p55-62>. Disponível em:

<https://revistas.metodista.br/index.php/mudancas/article/view/637>. Acesso em: 8 abr. 2026.

SANTANA, C. S. de; MACEDO, E. C.; ALVES, A. M. A.; ALMEIDA, U. L. de. Repercussão do diagnóstico de leucemia ao paciente infantojuvenil e seu familiar: revisão integrativa. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 6, p. e6111628644, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i6.28644>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/28644>. Acesso em: 23 maio 2026.

SANTOS, D. B. de M. dos. **A positividade como caminho para desenvolver a resiliência em adolescentes com câncer**. 2021. 90 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/20547/2/Tese%20-%20Daniele%20Borges%20de%20Mello%20dos%20Santos%20-%202021%20-%20Completa.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2026.

SANTOS, M. da C. F. **O Lar das Marias e a atenção oncológica no Amazonas: narrativas dos itinerários terapêuticos de mulheres com câncer**. 2024. 161 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.

SILVA, C. F. da; CUNHA, A. R. da. O psicólogo em uma equipe multidisciplinar no tratamento oncológico infantojuvenil. **Diaphora**, v. 11, n. 2, p. 59–64, 2023. DOI: <https://doi.org/10.29327/217869.11.2-10>. Disponível em: <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/392/308>. Acesso em: 22 maio 2026.

SILVA, M. J. S. da; OSORIO-DE-CASTRO, C. G. S. Estratégias adotadas para a garantia dos direitos da pessoa com câncer no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 399–408, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022271.39502020>. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2022.v27n1/399-408/pt>. Acesso em: 22 maio 2026.

SIMIONATTO, K. et al. Experiências de adolescentes com câncer em processo de tratamento. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 1–23, jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.36298/gerais202215e17537>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202022000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 8 abr. 2026.

SIQUEIRA, F. D. et al. Situações de vulnerabilidade de adolescentes e jovens do contexto rural em tratamento oncológico. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2024-0250pt>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/zNn5cg6bNFccy8WjtJdNGjP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 maio 2026.

SIQUEIRA, H. B. de O. et al. Percepção de adolescentes com câncer: pesquisa fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357742812003>. Acesso em: 23 maio 2026.

SHIOTA, H. C. Q.; DORSA, A. C. O estado da arte e as técnicas de análise de conteúdo segundo Laurence Bardin. In: **As interfaces da diversidade, do patrimônio e da globalização a partir das produções científicas**. 1. ed. Campo Grande, MS: Life Editora, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/49285375/Conselho_Editorial_Life_Editora_Conselho_Editorial_da_obra. Acesso em: 19 mar. 2026.

SOARES, Q. F. et al. “Casa de apoio”? Permanência de famílias no tratamento do câncer infantojuvenil. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 5, p. e34311528099, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i5.28099>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/28099/24627>. Acesso em: 18 maio 2026.

SOUZA, J. P. de et al. O desbravar de novos caminhos: itinerário terapêutico de famílias de crianças e adolescentes com câncer. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 37, p. e53664, 2023. DOI: <https://doi.org/10.18471/rbe.v37.53664>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/375513512_O_desbravar_de_novos_caminhos_itinerario_terapeutico_de_familias_de_crianças_e_adolescentes_com_cancer. Acesso em: 23 maio 2026.

SOUZA, M. A. de; FERREIRA, L. H. C.; ALMEIDA, B. C.; SANTOS, R. G. dos; OLIVEIRA, C. T. Estratégias de enfrentamento de adolescentes com câncer. **Contextos Clínicos**, v. 18, n. 1, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/contextosclinicos/article/view/62612>. Acesso em: 3 abr. 2026.

TEIXEIRA, G. C. et al. A espiritualidade no processo de saúde-doença em uma população ambulatorial: um estudo transversal descritivo. **Revista Ciência Plural**, v. 11, n. 1, 2025. DOI: <https://doi.org/10.21680/2446-7286.2025v11n1ID36706>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/36706/20484>. Acesso em: 23 maio 2026.

TOFFOLI, J. D.; CECCONELLO, A. M. A importância de intervenções psicológicas associadas ao tratamento oncológico de crianças: uma revisão literária. **Revista Perspectiva: Ciência e Saúde**, Osório, v. 7, n. 1, p. 108–123, 2024. Disponível em: <https://cientifica.cniec.br/index.php/revista-perspectiva/article/view/154/155>. Acesso em: 7 abr. 2026.

Algumas referências ainda têm **possíveis inconsistências de ano/volume ou dados incompletos no material original**, especialmente **BEZERRA; BARSAGLINI, CAMÊLO; SOUSA** e algumas sem paginação. Não alterei esses pontos por suposição.